

De Impresso para Impresso: a Abordagem do Novo Jornal sobre o Fim do Diário de Natal.¹

Cristina D'Oliveira Vidal BEZERRA²

Valquíria Aparecida Passos KNEIPP³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este artigo é um recorte da pesquisa realizada dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Utilizamos como referenciais teóricos conceitos de mídia, memória e história oral; e através de pesquisas bibliográficas e entrevistas intencionamos registrar um pouco da memória do jornalismo potiguar. Enfocamos aqui a abordagem do Novo Jornal sobre o fim do Diário de Natal. O periódico dos Diários Associados no Rio Grande do Norte circulou por setenta e três anos de forma ininterrupta. Em 2012, através de comunicado na primeira página, o Diário de Natal registrou o encerramento das atividades. O Novo Jornal – que tinha parte da equipe de redação formada por jornalistas que trabalharam no Diário de Natal – trouxe no dia seguinte uma reportagem especial sobre o DN.

PALAVRAS-CHAVE: Diário de Natal; Jornalismo Impresso; Memória; Novo Jornal; Rio Grande do Norte.

Introdução

Dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, nossos estudos intencionam registrar a memória do jornalismo potiguar ao focar na forma como o Diário de Natal tratou sobre a construção da Via Costeira⁴. Destacamos em nossos estudos como os fatos sobre a avenida foram noticiados pelo jornal Diário de Natal, de que forma questões ambientais foram relatadas e se isso resultou, se podemos observar algum reflexo na sociedade. Em nossa pesquisa trabalhamos com o pressuposto de que através da abordagem do Diário de Natal foram desenvolvidas novas práticas sociais –

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Jornalista graduada pela UFRN, mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora de graduação na Universidade Potiguar (UNP), email: cdvidal@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Jornalista graduada pela Unesp de Bauru, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora de graduação e pós-graduação na UFRN e vice-coordenadora do PPgEM, email: valquiriakneipp@yahoo.com.br

⁴ Avenida Senador Dinarte de Medeiros Mariz, localizada em Natal – Rio Grande do Norte, entre o Oceano Atlântico e as dunas do Parque das Dunas. Possui doze quilômetros de extensão e une a praia de Ponta Negra, na zona sul de Natal, às praias do Centro da capital potiguar.

quando tratamos dos conceitos de preservação ambiental, pouco difundidos à época – que mobilizaram não somente a população, mas também, provocaram a discussão na sociedade. As polêmicas reportagens do Diário de Natal contribuíram para o debate através dos setores que poderiam ter alguma influência sobre o tema (administração municipal e estadual, legislativo e sociedade civil organizada), visando colaborar com a preservação ambiental em Natal.

Feita esta introdução sobre nossa pesquisa, destacamos que para este artigo, utilizamos um pequeno recorte sobre a memória do Diário de Natal. Nossa intenção é ressaltar a importância de um jornal impresso para a memória de outro jornal impresso, ambos do Rio Grande do Norte.

Como personagens principais nesta abordagem, trazemos o Diário de Natal – periódico que teve, como já citado anteriormente, um papel importante no capítulo da luta pela preservação ambiental da capital potiguar – e o Novo Jornal, impresso fundado por um jornalista que fez parte do Diário de Natal por quase quarenta anos.

Enfocamos aqui o fim da versão impressa do Diário, em outubro de 2012 e como este fato foi noticiado pelo Novo Jornal. Podemos considerar este trabalho um levantamento onde tentamos destacar o quanto o fim dessa versão impressa repercutiu na capital potiguar e como isso foi visto no mercado e pelos profissionais que fizeram o Diário de Natal.

Para conhecer um pouco mais do que foi vivenciado pelos jornalistas que fizeram parte do Diário de Natal, pesquisamos e ouvimos relatos de profissionais que faziam parte da equipe do jornal no período de seu fechamento.

Através da história oral, a história do “tempo presente” e também reconhecida como “história viva” (BOM MEIHY, 2002, pág 17), trazemos o conteúdo trabalhado em entrevistas realizadas por nós e por outros autores, em especial Alves e Silva (2015), que trataram do declínio do Diário de Natal, ouvindo jornalistas que fizeram parte da equipe do periódico.

Utilizaremos ainda os conceitos de Le Goff “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. (LE GOFF, 1990, pág. 411). Para este recorte, compactuamos com os conceitos do autor, da memória como instrumento para se contar a história que não foi registrada.

Neste artigo buscamos contribuir para que se conheçam esses fatos que consideramos importantes para a memória do jornalismo impresso de Natal.

Sobre o Diário de Natal

Foram setenta e três anos ininterruptos e um fim melancólico. Na primeira página de um dos periódicos mais importantes do Rio Grande do Norte, o comunicado estremeceu leitores, assinantes e o mercado da comunicação potiguar.

O Jornal Diário de Natal, a partir desta data, deixa de circular em sua versão impressa. De acordo com o programa de reestruturação das nossas atividades empresariais do Rio Grande do Norte, vamos priorizar e ampliar a nossa versão eletrônica. Nesse sentido, estamos dando mais ênfase à internet e também às rádios. Tal decisão aliás, se enquadra na tendência, de amplitude internacional, de se alargar, cada vez mais, as opções eletrônicas, graças aos formidáveis avanços tecnológicos. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos nossos colaboradores, aos parceiros e ao povo potiguar pela atenção que têm dispensado aos nossos veículos, ao longo de muitos anos.

Natal, 02 de outubro de 2012

Diários e Emissoras Associados (DIÁRIO DE NATAL, 2012, pag. 1)

(Anexo A)

Fundado em 18 de setembro de 1939, o Diário de Natal é ainda hoje o jornal impresso que circulou por maior período na capital potiguar. A Tribuna do Norte⁵ – durante muito tempo concorrente direta do Diário –, em 2017 completou sessenta e sete anos em circulação.

O Diário de Natal fazia parte do Grupo Diários Associados⁶. O periódico teve sua importância para a capital potiguar e para o Rio Grande do Norte, quer tenha sido enquanto meio de comunicação, como também como fonte para o registro dos fatos, para a história e memória potiguar. Em determinados momentos e episódios, também pode ser considerado agente ativo como influenciador de práticas sociais e mudanças na cidade.

Como citamos no início do artigo, buscamos através deste trazer um pouco dessa história do Diário de Natal, enfocando aqui a abordagem da edição do Novo Jornal que foi às bancas no dia seguinte à última edição impressa do DN. Pretendemos, ainda que superficialmente, contextualizar a importância do DN no período em que circulou no Rio Grande do Norte.

O Diário de Natal foi fundado por um grupo formado por jovens idealistas: Djalma Maranhão, Rivaldo Carvalho, Romualdo Carvalho, Aderbal de França e Valdemar

⁵ Jornal impresso que atualmente continua em circulação no Rio Grande do Norte, fundado por Aluizio Alves em 24 de março de 1950.

⁶ Grupo de Mídia fundado em 1924 por Assis Chateaubriand, um dos maiores conglomerados de mídia do Brasil.

Araújo. O primeiro exemplar circulou em 18 de setembro deste ano de 1939. À época, Natal contava com dois jornais: “A Ordem” e “A República”.

A edição de 03/10/2012 do Novo Jornal⁷ (Anexo B) acrescenta que o periódico foi criado com o intuito de informar o potiguar sobre as notícias da II Guerra Mundial, com o objetivo de ser um porta-voz das forças aliadas, combatendo o nazi-fascismo e ser uma espécie de “porta-voz” do povo

Naquela época, de acordo com Alves e Silva (2015), o chamado “O Diário” não tinha redação, maquinário ou sede. Os jovens fundadores utilizavam as instalações do Jornal A República, do Governo do Estado, para a impressão dos exemplares. Eles possuíam apenas o título registrado devidamente no Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP.

A Natal de 1939 tinha cerca de 60 mil habitantes, que se informavam principalmente através das emissoras de rádio. Em 1942 o jornal foi vendido ao empresário Rui Moreira Paiva, devido às dificuldades financeiras. Mas o então “Diário” já havia conquistado uma boa aceitação por parte do público leitor.

Três anos depois, em 1945, o Diário de Natal foi comprado por Assis Chateaubriand para integrar a rede de jornais dos Diários Associados. Muitos atribuem a esse fato, o início da ascensão do Diário de Natal, que em março de 1947 passou a ter este nome. Antes, o periódico utilizava apenas o nome “Diário”.

Sob a superintendência de Edilson Varela, o Diário de Natal lançou em 1954 um outro jornal: O Poti. Este, circulava pela manhã enquanto o DN era vespertino. Em 1958 a edição matutina de O Poti passa a circular somente aos domingos e o Diário de Natal continuou circulando de segunda-feira a sábado.

Em maio de 1959 o jornal entrou em uma nova fase. Luiz Maria Alves assumiu a direção do Diário de Natal. O jornalista tem destaque na história do DN e esteve por trinta anos à frente do periódico.

Em nossa pesquisa, ouvimos jornalistas que vivenciaram o período em que Alves administrou o Diário de Natal. Vicente Serejo, que foi editor do jornal, cita (Serejo, 2013) que Luiz Maria Alves assumiu a direção do Diário de Natal quando o então diretor, Edilson Varela foi transferido pelos Diários Associados para fundar o Correio Braziliense na capital federal.

⁷ Jornal fundado por idealizado por Cassiano Arruda Câmara, em circulação na capital potiguar desde 17 de novembro de 2009.

O amazonense Alves recebeu uma empresa cheia de débitos e aplicou conhecimentos adquiridos na *Western Telegraph* em Belém, onde trabalhou, no período da depressão. Enxugou o quadro de funcionários e chegou a empenhar economias pessoais para reerguer a filial potiguar do DN.

Um dos feitos de Luiz Maria Alves que é apontado como justificativa para um homem visionário e de tino administrativo pelos então colegas de redação, é a implantação do sistema de impressão *offset*, que teve resultados considerados altamente positivos. Na época, a tecnologia era a mais avançada em termos gráficos no Brasil. O novo sistema foi inaugurado em junho de 1970, com a presença do Diretor Geral dos Diários Associados e o governador do Estado.

A mudança transformou o Diário de Natal numa das empresas mais lucrativas, sempre com superávit, dos Diários Associados. Esse resultado positivo nas finanças do DN é apontado inclusive, como a garantia para permanência de Alves à frente do Diário de Natal por tanto tempo. O equilíbrio econômico e os lucros eram levados em consideração quando se tinha alguma pressão política por insatisfação com os rumos editoriais que a publicação tomava.

Vale registrar ainda que o Diário de Natal liderou o mercado potiguar por mais de 50 anos e foi campeão de vendas no Rio Grande do Norte por décadas. No período em que foi dirigido pelo jornalista Luiz Maria Alves, chegou a rodar aos domingos com mais de 30 mil exemplares.

Numa época em que a televisão ainda não era o meio de comunicação mais popular, o Diário de Natal ocupava a função de informar e por que não, formar a opinião do público natalense e potiguar.

O declínio do Diário de Natal

Depois de contextualizar sobre o início do Diário de Natal e sua importância para o Rio Grande do Norte, trazemos aqui uma breve abordagem sobre o declínio deste jornal.

A partir de 2008 a direção nacional dos Diários Associados passou a interferir mais nos direcionamentos administrativos do Diário de Natal.

Em fevereiro de 2009 o DN iniciou uma reestruturação, quando a impressão do periódico passou a ser feita no estado de Pernambuco. Em março do mesmo ano, a direção da empresa formalizou a demissão da maior parte do quadro de redação e uma nova reestruturação foi realizada: repórteres e chefes de reportagem ficavam em Natal e

editores em Recife, para onde o material textual e fotográfico era enviado. A jornalista Gabriela Freire relatou um pouco desse processo:

Eu trabalhei com toda essa questão das mudanças e foi bem chocante quando apresentaram o novo formato do jornal e das disposições gráficas. Depois de selecionados, os editores eram enviados para Recife e vivemos um choque atrás do outro, a começar por trabalhar com um editor que não está ao seu lado. Por exemplo, eu pautava a matéria, orientava o repórter e quando ele terminava o trabalho enviava o material para Recife, para o editor que era daqui de Natal, mas estava morando em Pernambuco. Era uma logística muito complicada porque nada substitui o contato, estar conversando com você e dizer: “olha, eu não gostei disso não! Dá uma arrumadinha aqui?”. As informações eram passadas por um sistema que funcionava online, nos comunicávamos por telefone, as demandas chegavam para mim e eu repassava para o repórter. Enfim, tinha uma logística muito grande e a possibilidade de haver um ruído nessa comunicação era muito grande. (ALVES E SILVA, 2015, pag. 45)

Outra mudança significativa foi a diminuição do tamanho do jornal. Deixou de ter o tradicional standard para o modelo berliner, menor. O jornal não era mais dividido em “cadernos” e as mudanças, de acordo com os profissionais que trabalhavam no periódico à época, provocaram uma “perda de identidade” do leitor com o Diário de Natal. Colunistas que fizeram parte do jornal por décadas, como os colunistas Cassiano Arruda Câmara e Paulo Macedo, foram demitidos.

Em fevereiro de 2010 o DN mudou de endereço. Deixou a sede na Avenida Deodoro da Fonseca, em Petrópolis (Zona Leste de Natal) onde estava desde 1970, para um prédio em São Gonçalo do Amarante, na região metropolitana de Natal.

O dominical O Poti, que havia sido extinto em 2009, foi relançado em março de 2011, mas as tentativas de mudança de forma a reerguer o Diário de Natal parecem ter sido em vão.

Se o jornal em tempos áureos chegou a circular com trinta mil exemplares, na sua fase mais difícil, em 2012, esse número foi reduzido para seis mil exemplares durante a semana e sete mil no domingo.

A jornalista Juliska Azevedo (Alves e Silva, 2015), que era responsável pela redação do Diário de Natal na capital potiguar, contou como soube do fim da edição impressa:

No dia anterior eu tinha feito a capa do jornal, normal, como todos os dias e mandado o jornal para Recife. Aquela era uma época difícil no DN porque a gente tinha alguns problemas para resolver como pessoas que tinham saído ou que estavam chegando à empresa, dificuldades estruturais, sugestões sobre a rotina do jornal. Todas essas demandas precisavam ser discutidas e aprovadas pela direção em Recife. (...) No dia que o Diário morreu, eu acordei peguei o meu celular, como a maioria das pessoas fazem quando acordam, e tinha uma mensagem de uma amiga que trabalha em TV e já estava logo cedo cobrindo a notícia para a televisão. Por volta das 6h30 da manhã eu recebo a mensagem:

“Ju, como você está com isso que aconteceu com o Diário, que coisa chata. Tá tudo bem?” Eu gelei nesse momento. Vou para o Twitter e vejo as pessoas comentando que o Diário de Natal tinha um comunicado na capa informando que aquela era a última edição. Uma mensagem que eu, que tinha sido responsável pela capa, não sabia que existia. Quando o jornal chegou em Recife eles colocaram essa mensagem na capa e encerraram o jornal dessa forma. (ALVES E SILVA, 2015, pag. 36 e 37)

A reação da então editora-executiva do Diário de Natal foi semelhante à de leitores, assinantes e do mercado local da comunicação. O fato repercutiu na imprensa especializada em todo país também, como abordou a edição do Novo Jornal do dia seguinte.

O Novo Jornal e a edição sobre o fim do Diário de Natal

De acordo com os fatos já relatados neste artigo, na edição de 02 de outubro de 2012, o Diário de Natal anunciou através de um simples comunicado, o fim da versão impressa. A equipe de redação foi demitida e o jornal, que durante um período, foi o maior do Rio Grande do Norte, passou a informar apenas através da página na internet e das rádios. Na capital potiguar, a cobertura da mídia registrou não apenas o encerramento das atividades de um veículo de comunicação. Dentro da abordagem proposta por este artigo, destacamos a edição do Novo Jornal de 03 de outubro de 2012 – já citada anteriormente neste trabalho.

Torna-se importante trazer um pequeno preâmbulo sobre o Novo Jornal. O periódico começou a circular em 17 de novembro de 2009. O jornal ter sido fundado no ano em que o DN “remodelou” a estrutura de redação não é fato isolado. O idealizador do projeto e antigo proprietário do Novo é o jornalista Cassiano Arruda Câmara⁸. Arruda Câmara exerceu diversas funções no Diário de Natal, onde trabalhou durante 39 anos. A coluna Roda Viva, iniciada no DN, hoje faz parte do Novo Jornal em sua edição impressa. Pouco tempo depois de sair do Diário de Natal, Cassiano reuniu jornalistas – muitos deles com passagem pelo DN –, conseguiu investidores e colocou o Novo Jornal nas ruas.

Voltando à edição do Novo em outubro de 2012, a capa trouxe em letras maiores que as de costume: NATAL LAMENTA FIM DO DIÁRIO. Além da capa, o Novo dedicou três páginas de reportagem ao fechamento do Diário de Natal. Relatos de colaboradores,

⁸ Jornalista, titular da coluna Roda Viva, que foi publicada no Diário de Natal e atualmente no NOVO Jornal.

a repercussão nas redes sociais, na mídia nacional e o encontro dos jornalistas que foram demitidos.

Além disso, na Coluna Roda Viva, de Cassiano Arruda Câmara, a crônica “Réquiem para um grande Jornal” trouxe o tom melancólico da despedida de quem contribuiu durante quase quatro décadas para jornalismo do DN. A crônica talvez possa servir como parâmetro para relatar um pouco do sentimento dos que fizeram parte do Diário:

Pouco mais de dois anos e meio depois de ter feito a opção de se tornar pequeno, o Diário de Natal chegou, ontem às bancas com um seco comunicado de 22 linhas, publicado em primeira página, informando que “a partir desta data, deixa de circular em sua versão impressa”. Foi uma decisão empresarial que parecia já tomada há tempos, desde quando foi deflagrada a última reforma que determinava a submissão do septuagenário jornal natalense a uma diretoria instalada na cidade do Recife. (...) Tive o privilégio de defender as cores do velho Diário ao longo de 39 anos. A suspensão de sua circulação além de um golpe pessoal é – com a licença do lugar comum – uma perda para todo o Rio Grande do Norte. Perda irreparável. (Novo Jornal, 03/10/2012, p.4)

A reportagem “A última impressão que fica” reproduziu a capa do Diário de Natal, trouxe a história do periódico, ouviu funcionários demitidos. Na continuação, com o título “Uma notícia nacional”, a reprodução das publicações em veículos de circulação nacional e comentários publicados na rede social Twitter, entre “leitores, jornalistas, amigos dos profissionais demitidos ou pessoas que se sensibilizaram com o fato de mais um jornal fechar” (Novo Jornal, 2012 pág. 5). A coluna “Conecte-se”, uma espécie de sessão cartas, também reproduziu comentários da rede.

Ainda na continuação da reportagem principal, a matéria da página 8 traz o título “O fim de uma era” com o relato de jornalistas que fizeram história no Diário de Natal e do Diário de Natal, como o colunista Paulo Macedo, que trabalhou por 45 anos no jornal. Na mesma página, a repercussão com os jornalistas demitidos, no que seria a “Última reunião de pauta” (Novo Jornal, 2012 pág. 8). A reportagem expõe as opiniões, tristeza e decepção com o fato.

Considerações finais

O Diário de Natal acompanhou momentos marcantes da história da cidade do Natal e do Rio Grande do Norte e por que não dizer, conforme podemos observar em nossos estudos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, contribuiu ativamente para o surgimento de novas práticas sociais.

O jornal que durante setenta e três anos registrou fatos, fez história e formou a opinião do público leitor do Rio Grande do Norte teve um fim melancólico. Foi sendo diminuído até acabar.

Destacamos que este artigo, recorte da nossa pesquisa, intenciona contribuir com temas importantes para a história de Natal e da memória do jornalismo impresso potiguar, contando um pouco a história do Diário de Natal e da contribuição do Novo Jornal para a preservação dessa memória. Para destacar este momento, compartilhamos com as ideias de Barbosa (2005):

Toda a conceituação realizada em torno da questão da memória se configura extremamente importante para os pesquisadores de comunicação. Não apenas por que a mídia trabalha quotidianamente com a dialética fundamental da memória, lembrança e esquecimento, mas por que ao selecionar o que deve ser notícia e o que vai ser esquecido, ao valorizar alguns elementos em detrimento de outros, os meios de comunicação reconstruem de maneira seletiva o presente, construindo hoje a história desse presente e fixando para o futuro o que se deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido. (BARBOSA, 2005, pag. 108)

O fechamento do Diário de Natal reforça a relevância de nossa pesquisa que pretende recontar um capítulo da história da capital potiguar através da mídia.

Tentamos aqui, colaborar para o interesse da comunidade acadêmica sobre este tema, sem fechar o assunto, mas continuar realizando estudos que possam trazer a memória e consequentemente auxiliar para contar essa história.

Ao se reconstruir no presente, a partir dos rastros que o passado deixou como marca, coloca-se também em cena a questão memorável. Haverá sempre algo esquecido e algo lembrado nesse passado reatualizado. Mais do que a questão do objeto memorável, há que se pensar, pois, na dimensão do esquecimento que essas emissões evocam. (BARBOSA, 2008, pag. 94)

Defendemos que este tema merece ser aprofundado e apresentado não só aos interessados em pesquisar o tema, mas também à sociedade. “Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”. (Le GOFF, 1990, pág. 411)

Finalizamos ressaltando a pertinência da pesquisa na comunidade acadêmica e aqueles que se interessam em estudar a história e a memória do jornalismo impresso e dos meios de comunicação no Rio Grande do Norte.

Referências bibliográficas

ALVES, Emmerson; SILVA, Rayssa. **O jornal Diário de Natal em depoimentos (2009 - 2012): avanços, recuos e declínio**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Potiguar.

BARBOSA, Marialva; BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia, organizadores; Aluizio R. Trinta ... [et al.] – **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom 2005.

CÂMARA, Cassiano Arruda. Entrevista concedida a Cristina D'Oliveira Vidal Bezerra em 08 de maio de 2013.

DIÁRIO DE NATAL, edição de 02 de outubro de 2012.

GOMES, Vicente Alberto Serejo. Entrevista concedida a Cristina D'Oliveira Vidal Bezerra em 12 de maio de 2013.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

NOVO JORNAL, edição de 03 de outubro de 2012.

Portal Imprensa

<http://www.portalimprensa.com.br/content_file_storage/2012/10/02/diariodenatal.jpg> acesso em 23 de abril de 2017.

RIBEIRO, Ana P. G.; HERSCHMANN, Micael, organizadores; Alzira Alves de Abreu ... [et al.] – **Comunicação e História ; interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro : Mauad X ; Globo Universidade, 2008.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

ANEXO A – Capa do Diário de Natal (02 de outubro de 2012)

DIÁRIO de NATAL

TERÇA-FEIRA 02 de outubro de 2012 www.diariodenatal.com.br R\$ 1,00

CARLA UBARANA VOLTA A RECEBER SALÁRIO DO TJRN

Página 2

SEGURANÇA ATIRA EM ALUNOS NA UFRN

VIOLÊNCIA // Após desentendimento com um estudante, um segurança contratado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte disparou três vezes contra um grupo de alunos que participava de encerramento de encontro no campus, na frente de companheiros. Em retaliação, jovens depredaram carro da empresa prestadora do serviço. Reitoria abriu investigação e solicitou afastamento do guarda. Página 1



ROCAS // Uma semana após denunciar fofas a céu aberto no bairro, DN volta ao local e constata quadro desolador. Página 2

ELEIÇÕES 2012

Compra DE VOTOS

"A compra de votos não vai acabar nunca"; afirma o presidente regional eleitoral Paulo Sérgio Nóbrega, ao comentar denúncia publicada em O Dia e respeito de prática em campanhas de eleição. Página 1

Violência marca interior do estado

Municípios pequenos, com os índices acirrados, são os que mais registram episódios de violência nesta campanha. Página 2 e 4

Rancor familiar

Em 1941 no DN Carlos Carlos Eduardo (PDT) disse não acreditar a "descrição" do grupo literário Edson Sáez (PREFEITO) disputando federal em dentro da UFRN. Página 1

COMUNICADO

O Jornal Diário de Natal, a partir desta data, deixa de circular em sua versão impressa. De acordo com o programa de reestruturação das nossas atividades empresariais no Rio Grande do Norte, vamos priorizar e ampliar a nossa versão eletrônica. Nesse sentido, estamos dando mais ênfase à internet e também às rádios. Tal decisão, aliás, se enquadra na tendência, de amplitude internacional, de se atargar, cada vez mais, as opções eletrônicas, graças aos formidáveis avanços tecnológicos. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos nossos colaboradores, aos parceiros e ao povo potiguar pela atenção que têm dispensado aos nossos veículos, ao longo de muitos anos.

Natal, 02 de outubro de 2012
Diários e Emissoras Associados



O universo de sentidos de Lenine

Cantor fala ao DN sobre sua música, o show que fará e o prazer de cantar no Nordeste. Página 12

DEZ ASSASSINATOS Jovem conta por que matou

Página 12

ISSN 1412-4300 redação 4009-0250 atendimento ao assinante 4009-0220 classificados 4009-0200 comercial 4009-0173

ANEXO B – Páginas da Edição do Novo Jornal sobre o fim do Diário de Natal (03 de outubro de 2012)



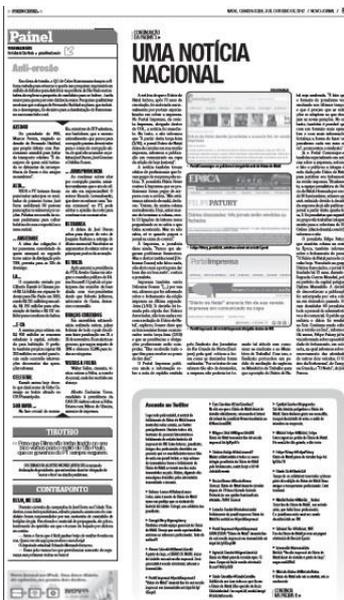
Capa



Página 3



Página 4



Página 5



Página 6



Página 8